

C. Morais, L. Hardwick, and M. de F. Silva, (Eds.). (2017). *Portrayals of Antigone in Portugal 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*. Leiden: Brill Academic Pub., Series: Metaforms, Studies in the Reception of Classical Antiquity, Vol 9. Hardcover: 361 pages. ISBN-10: 900434005X; ISBN-13: 978-9004340053

MARIA FERNANDA BRASETE¹ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Sob a chancela da prestigiada editora Brill Academic Pub., o volume em epígrafe representa o culminar de uma longa e aturada investigação empreendida por académicos de várias instituições universitárias, nacionais e internacionais, sobre as denominadas *Antígonas* portuguesas. É inegável o valor científico e a importância da presente obra, centrada na receção do mito de Antígona na dramaturgia portuguesa dos séculos XX e XXI, com o mérito acrescido de se tratar de uma publicação em língua inglesa, acessível, por isso, a um público leitor muito dilatado.

Vale a pena referir que, sobre a temática em apreço, fora já desenvolvido, em Portugal, Espanha, França e Reino Unido (nomeadamente em Oxford) um sólido trabalho de investigação que deu origem a várias publicações internacionais (citadas, na p. 2 da *Introduction*). No nosso país em particular, remontam ao ano de 2001, duas publicações específicas que rastream e analisaram as várias reescritas dramatúrgicas do mito da filha de Édipo: a obra *Representações de teatro clássico no Portugal Contemporâneo*, coordenada por Maria de Fátima Sousa e Silva, que, no Volume II (2001, pp. 40-80), dava notícia das representações de *Antígonas* (sofocliana, portuguesas e estrangeiras) nos palcos nacionais, ao longo do século XX; e o suplemento n.º 1 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, coordenado por Carlos Morais, com o sugestivo título *Máscaras Portuguesas de Antígona*, que compreendia, pela primeira vez, sete estudos de conceituados classicistas portugueses sobre seis peças de dramaturgos novecentistas. Como seria de esperar, a inclusão desses estudos na obra em apreço implicou uma reformulação condizente com os objetivos e a organização desta publicação em língua inglesa.

Muito feliz e expressiva foi a opção de se inserir na capa dura do livro a ilustração de uma representação, ocorrida a maio de 2003, da peça *Antígona*

¹ mbrasete@ua.pt.

— *glosa da tragédia de Sófocles*, de António Pedro, levada à cena pelo Teatro Experimental do Porto (TEP). No seu todo, a obra dá provas de um esmerado trabalho de edição, pautado por grande rigor científico e metódico, levado a cabo pela Professora Emérita da Universidade de Oxford, Lorna Hardwick, uma especialista de renome no domínio dos estudos de receção clássica, em colaboração com os dois classicistas portugueses, que mais se têm dedicado ao estudo da reescrita contemporânea do mito de Antígona: Carlos Moraes, Professor da Universidade de Aveiro, e Maria de Fátima Silva, Professora da Universidade de Coimbra.

No valioso estudo introdutório (pp. 1-10), assinado pelos três editores, enquadra-se o mito de Antígona, em linhas sucintas, no teatro ateniense do século V a.C, para realçar a autonomia que o seu carácter granjeou na tragédia homónima de Sófocles, fazendo-se depois referência aos quatro principais mitemas (dos seis estabelecidos por Fraise (1973)) que sustentam as apropriações alegóricas do mito em Portugal. Atendendo ao número significativo de peças contemporâneas inspiradas na figura modelar da filha de Édipo, bem como aos pertinentes estudos que classicistas portugueses e estrangeiros lhe dedicaram, entenderam os editores que a produção deste volume se justificava, não só pelo interesse que a temática tem despertado na comunidade académica ao longo das últimas décadas, mas também por tornar acessível a um público mais alargado o inegável valor das reescritas do mito de Antígona na dramaturgia portuguesa contemporânea, inspiradas no arquétipo sofocliano, mas onde se fundem, por vezes, outras fontes mais recentes, devido a um fecundo processo de *contaminatio*. As oportunas referências sinópticas à estrutura do livro, completadas depois por uma excelente contextualização das onze recriações dramatúrgicas do “motivo” de Antígona em Portugal, constituem um outro mérito da parte introdutória do presente livro.

Dezoito ensaios dão corpo a outros tantos capítulos que se encontram distribuídos por duas partes: I. “Main Sources”, (pp. 13-109); II. “Portuguese Reception of Antigone (20th-21st Centuries)”, (pp. 111-312).

A secção inicial “Main Sources” compreende seis estudos sobre as fontes. A abrir, um estudo sobre o hipotexto grego, intitulado “Sophocles’ Antigone” (pp. 11-26), onde Rosa Andújar e Konstantinos Nikoloutsos, depois de contextualizarem a peça e de realçarem a atitude inovadora de Sófocles em face da conhecida tradição mítica, analisam três temas que consideram ser os mais influentes na receção moderna, e particularmente nas

reescritas portuguesas e brasileiras: “Tiranny and Oposition to Power”, “Death and Isolation”, “Divine Law and Secular Order”. No capítulo seguinte, Lorna Hardwick, sob o mesmo título dado ao volume em recensão, “Portraits of Antigone in Portugal and Brazil: The Reception of Antigone in the 20th and 21st Centuries” (pp. 27-42), começa por evocar a presença regular que as representações de dramas Gregos tiveram nos palcos europeus e americanos do século XIX. Seguidamente, procede a uma notável análise interpretativa das “múltiplas avenidas” (p. 33) que se entrecruzaram no complexo processo de receção da peça em todo o mundo, se bem que com especial incidência na Europa. Na senda de outros consagrados especialistas que cita, postula a ideia de que a retoma do tema de Antígona terá originado um “novo humanismo” (p. 36) com características universais, um modo peculiar de o homem se pensar criticamente nas mais diversas áreas da vida.

Os três capítulos que se seguem apresentam uma reflexão crítica sobre o tema de Antígona na dramaturgia francesa moderna e contemporânea, atendendo à influência que essas reescritas exerceram nos autores portugueses. No capítulo 3, o estudo de Stéphanie Urdicjan oferece uma síntese muito pertinente e rigorosamente fundamentada da “geneologia de Antígona” na dramaturgia francesa, como o próprio título anuncia: “Antigone’s French Genealogy” (pp. 43-56). No ensaio de Maria do Céu Fialho, no capítulo 4, intitulado “Jean Cocteau and Oedipus’ Daughter” (pp. 57-71), discute-se, numa análise bem contextualizada e documentada, a recriação inovadora do destino trágico da filha de Édipo, numa *Antigone* inspirada em Sófocles, mas provocadoramente distanciada das leituras tradicionais do mito. Igualmente no âmbito da dramaturgia francesa, o ensaio de Maria de Fátima Silva, sob o título “Jean Anouilh’s *Antigone*: A Free “translation” of Sophocles” (pp. 72-89), recupera outra Antígona francesa emblemática: a de Jean Anouilh. A reflexão da A. incide sobre as novidades que Anouilh introduziu na sua reescrita da tragédia grega, para que os significados do mito se ajustassem à época de decadência e de pós-guerra que então se vivia em França e na Europa. O último capítulo da primeira secção do livro, tem como autores dois especialistas espanhóis bem conhecidos no âmbito dos estudos de receção clássica, Andrés Pociña e Aurora López, que focam a sua análise na peça escrita por uma filósofa espanhola de renome internacional: María Zambrano. Assim, no estudo “Seven Reflections on María Zambrano’s *La Tumba de Antígona* (Antigone’s Tomb)”, (pp. 90-109), a peça, originaria-

mente publicada no México em 1967, é analisada com base em sete tópicos: “Studies before 2012”, “An Unacceptable Neglected”, “Na Essentially Dramatic Text: Antigone in Maria Zambrano”, “La Tumba de Antigona as a Dramatic Text”, “Characters, Monologues, Dialogues”, “Antigona Confronting Power: The Time of Antigone and the Time of Zambrano” e, por último, “Maria Zambrano’s Antigone and Some Later Others”. Os autores concluem o seu estudo expressando a opinião de que é possível admitir a influência da *Antígona* de Zambrano em duas peças portuguesas: *Perdição*, de Hélia Correia, e *Antes que a Noite Venha*, de Eduarda Dionísio.

A segunda e última secção é inteiramente dedicada às onze releituras do tema de Antígona na dramaturgia portuguesa, que abrangem os séculos XX e XXI. Os 12 capítulos que a compõem apresentam-nos estudos sobre dez peças de oito autores portugueses, publicadas e/ou representadas, maioritariamente, ao longo do século XX, além da recriação fílmica, de João Canijo, em *Ganhar a Vida* (2001).

Como esclarecem os editores na “Introdução”, a organização dos capítulos segue a ordem cronológica dos textos (p. 4), apesar de a obra cinematográfica de João Canijo aparecer localizada na década de 60, porque o argumento do filme se enquadra no contexto da emigração portuguesa que marcou essa época.

Na impossibilidade de dar conta, num texto de recensão, da riqueza de conteúdo contida em todos os estudos, limitar-me-ei a individualizar as contribuições dos vários autores, fazendo apenas breves referências às peças e aos temas tratados.

Tendo em consideração o proeminente significado político de que o mito de Antígona se revestiu no tempo da ditadura salazarista, os sete primeiros capítulos (7-13) incidem sobre a análise das “peças de resistência” de António Sérgio (1930, c. 1950, 1958), Júlio Dantas (1946), António Pedro (1953) e Mário Sacramento (1958).

Carlos Morais apresenta três estudos muito bem contextualizados, que denotam uma reflexão profunda e sistematizada, sobre as duas primeiras Antígonas portuguesas do século XX: “António Sérgio’s Antígona: “a social study in dialogue form”” (pp. 111-139); e “António Sérgio’s Antigone Revisited: Two Invectives against the Salazar Dictatorship” (pp. 140-159) e “Taking Liberties: António Pedro’s Recreation of Antigone” (pp. 175-191). Uma importante análise do enquadramento estético-teatral da peça de

António Pedro, *Antígona: Glosa nova da tragédia de Sófocles*, representada pela primeira vez, e aclamada pela crítica, em 1954, é posteriormente apresentada por Inês Alves Mendes, em “Antígona by António Pedro: Dialogues with European Aesthetic Currents” (pp. 192-206). O regresso ao mito no drama de Júlio Dantas merece um exame rigoroso e bem fundamentado, da autoria de Maria do Céu Fialho, num ensaio intitulado “Júlio Dantas’ Antigone: Or the Martyr of Late Romanticism” (pp. 160-174). Retomando as reescritas destes dois autores, Maria de Fátima Silva concentra a sua análise na figura do tirano, no ensaio intitulado “Creon, the Tyrant of Antigone on Stage: His Reception in Júlio Dantas and António Pedro during the Portuguese Dictatorship” (pp. 207-221), em que se propõe investigar o paralelismo existente entre o arquétipo sofocliano e as representações portuguesas dessa personagem profundamente simbólica no período da ditadura salazarista. Um processo de reescrita do tema de Antígona mais distante do modelo sofocliano transforma a peça em um ato de Mário Sacramento num drama de pendor filosófico, em que a resistência se torna um elemento dramático duplamente significativo, como procura demonstrar o estudo, intitulado “Antigone: Code Name – Mário Sacramento’s One-act Play” (pp. 222-238), da autoria de Maria Fernanda Brasete.

No capítulo 13, “‘Like a Ghost of Antigone’: Ganhar a Vida (Get a life), by João Canijo” (pp. 222-238), Nuno Simões Rodrigues empreende uma análise do filme português, descrito pelo próprio diretor como “a ghost of Antigone” (p. 240), e em que o *pathos* da protagonista contrasta com a atitude resignada dos seus congéneres emigrantes portugueses da década de 60, numa história que traz à lembrança, se bem de uma forma indireta e simbólica, a tradição mitográfica e trágica de Antígona.

O excelente ensaio de Ália Rosa Rodrigues (“Antigone, Daughter of the D’Annunzian Oedipus. The Oedipus Trilogy (1954) by Castro Osório”, (pp. 251-264)) dá a conhecer uma outra *Antígona* (1954) portuguesa, integrada na *Trilogia de Tróia* de João Castro Osório. Como declara a A., o seu objetivo principal é analisar os traços absolutamente singulares que marcam esta recriação do mito, numa peça que nunca alcançou o palco, demonstrando “how the classic paradigm is considered to be the model for the so-called ‘New Humanism’ ou ‘New Era’, a twenties fashionable European ultra-nationalism topic which is also present throughout Castro Osório’s work” (pp. 251-2).

Nos dois capítulos que se seguem, respetivamente intitulados “Antigone, Fruit of a Twisted Vine: Hélia Correia’s *Perdição*” (pp. 265–284) e “A Brief “Antigone”: Eduarda Dionísio’s *Antes que a noite venha* (*Before the Night Comes*)”, (pp. 285–30), Maria de Fátima Silva ocupa-se de duas peças, escritas por mulheres, e cujas heroínas femininas se apresentam muito diversas da *Antígona* referencial. Ambas as peças foram objeto de representação, mas terá sido a de Eduarda Dionísio (*Antes que a noite venha*) a que maior sucesso alcançou nos palcos portugueses. Por outro lado, o drama de Hélia Correia, uma admiradora incondicional do antigo teatro clássico, revela uma leitura muito atenta da matriz sofocliana, mas empreende um “exercício” dramático que nada tem de convencional, e cuja protagonista é recriada de um modo absolutamente inovador, com base numa bem tecida malha de intertextualidade em que a lição do mito grego se funde com outras leituras mais recentes, possivelmente provenientes das versões de Anouilh e de María Zambrano.

No último capítulo (“Myth and Dystopia: Antígona Gelada (Frozen Antigone) by Armando Nascimento Rosa”, pp. 305–312), Maria do Céu Fialho procede a uma análise de uma última Antígona portuguesa: a peça de Armando Nascimento Rosa, intitulada *Antígona Gelada* (2007). Apesar de se pressentir neste drama a presença da tradição mitológica milenar, trata-se de uma releitura “futurista” do mito de Antígona, simbolicamente projetado numa (ante)visão distópica e desumanizada dos tempos vindouros em que o imaginário utópico se alia à ficção científica numa história ambígua em que o destino mítico parece congelado.

Na “Conclusão” (pp. 313–15), os editores salientam a importância literária, estética, ideológica e teatral que o mito de Antígona, imortalizado por Sófocles, alcançou no panorama da dramaturgia portuguesa contemporânea, e em especial o indiscutível valor simbólico-político que conquistou durante o período de ditadura do Estado Novo. Fazendo uma apreciação claramente elogiosa desta obra, que oferece ao leitor uma visão rigorosa das várias “máscaras” das Antígonas portuguesas, os editores finalizam com a ideia de que seja como “resistente”, como “mártir” ou simplesmente como “mulher”, Antígona permanecerá como “o pêndulo do mundo”, citando as palavras de Marguerite Yourcenar.

A enriquecer esta obra e a facilitar a sua leitura por parte do público especializado ou do leitor comum, encontra-se, no final do volume, um muito útil *Appendix* que compreende uma “Cronologia das recriações, edições e

performances" (pp. 316-320), seguida de uma Bibliografia seleta única, repartida em "Editions and translations", "Rewriting Sophoclean Antigone" e "Websites". A fechar o livro, dois Índices cuidadosamente elaborados e apresentados: um *Index Locurum*, seguido de um "Index of Subjects".

No seu conjunto, esta obra, primorosamente organizada, impõe-se no domínio dos estudos de receção clássica pelo rigor científico com que a temática cativante da escrita e rescrita dramatúrgicas do mito de Antígona, um dos mais fascinantes e paradigmáticos do imaginário ocidental, é amplamente tratada. A qualidade dos estudos apresentados em língua inglesa, que revisitam com notável entusiasmo e profundidade de análise a dramaturgia portuguesa dos séculos XX e XXI sobre o mito de Antígona, parece justificar que novos espaços de reflexão crítica e de partilha de saberes, como o que se regista nestas 361 páginas, possam originar a outras edições em língua inglesa e, assim, fascinar os mais diversos leitores, aquém e além-fronteiras.

M. F. Silva, M. C. Fialho, J. L. O. Brandão, (Eds). (2016). *Livro do Tempo: Escritas e reescritas. Teatro Greco-Latino e sua receção*. Vols. I e II. Coimbra — São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra — Annablume. 379 + 466 pp.; Vol. I: ISSN 978-989-26-1277-5; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1278-2>; Vol. II: ISSN 2182-8814; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1298-0>

MARIA FERNANDA BRASETE² (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Os volumes em epígrafe, publicados na Coleção *Humanitas Supplementum*, apresentam 53 estudos de autores portugueses e estrangeiros, sobre uma temática duplicada — o teatro greco-latino e a sua receção — de interesse reconhecido e muito atual, no domínio dos estudos clássicos, quer no panorama nacional como internacional. A decisão de dividir os numerosos estudos por dois volumes é explicada pelos coordenadores na "Apresentação", colocada no início do Vol. I (p.15). Os critérios basearam-se no facto de a multiplicidade de contributos se repartirem entre análises de textos do antigo teatro greco-latino e estudos sobre a sua receção, num arco cronológico que se expande até aos nossos dias. Além do contributo específico trazido por cada um dos colaboradores, ressalta nos dois volumes uma convergência inabitual de diferentes tipos de abordagem — filológica, lite-

² mbrates@ua.pt.